



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i1.64110>

# Revista Trágica

Volume 18 - Número 01 ISSN 1982-5870

---

## James Arêas: “um passo para a vida, um passo para o pensamento”

*James Arêas: “one step towards life, one step towards thought”*

Guilherme Müller Junior  

Professor da UENP, Jacarezinho, PR, Brasil.

Contato: [guilherme.m.jr@hotmail.com](mailto:guilherme.m.jr@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem como propósito tratar da atmosfera singular que se produzia nas aulas do professor James Arêas, bem como de sua prática pedagógica no ensino da Filosofia. Trata-se de uma homenagem àquele que foi um dos grandes professores de Filosofia na cena universitária carioca. James jamais separou a filosofia da vida. Essa difícil unidade brilhava em suas aulas e em sua vida.

**Palavras-chave:** Vida; Filosofia; Pensamento.

**Abstract:** This article aims to address the unique atmosphere that was produced in Professor James Arêas' classes, as well as his pedagogical practice in teaching Philosophy. This is a tribute to one of the greatest Philosophy professors in the Rio university scene. James never separated philosophy from life. This difficult unity shone through his classes and his life.

**Keywords:** Life; Philosophy; Thought.

A UERJ do final dos anos 90 e início de 2000 produziu uma atmosfera rara. O seu nono andar era fervoroso. Houve quem dissesse, preconceituosamente, que se tratava de uma “rodoviária”. Mas quem a viveu sabe que ali era um espaço de encontros e desencontros, de composições e decomposições, de linhas errantes, vividas por muitos pela primeira vez. Nessa fulguração de vida, a minha turma do curso de filosofia de 1996 teve a alegria de encontrar com o professor James Arêas. Não foi um encontro qualquer, James não era apenas mais um professor, mas um raio, um relâmpago, uma variação atmosférica, na qual podíamos compreender, definitivamente, do que se tratava a Filosofia. Compreensão que se impunha, para alguns de nós, como um compromisso de vida. A ruptura, daquilo que em nós era ordinário, promovia em suas aulas a experiência de algo muito novo, ao mesmo tempo belo e perigoso: o pensamento. A partir de então não podíamos mais ser os mesmos, nem se quiséssemos. Nas palavras do próprio James:

O ato de pensar implica um risco, pressupõe uma aventura perigosa, já que o pensamento não é uma atividade inerente a nossos hábitos nem uma consequência de nossas ações. Essa aventura extrema resulta de uma *cisão*, nunca de uma decisão; decorre de uma fragmentação do sentido que atribuíamos e aos seres. É, pois, somente sob o efeito de uma fissura na realidade que chegamos a *pensar de outra maneira* e a nos engajarmos nos devires que se abrem para além da vida ordinária.<sup>1</sup>

Dizia ele que curso de Filosofia é um dos mais belos porque se podia ver a transformação dos alunos ao longo dos anos. Nem sempre as transformações eram belas, mas ninguém saía o mesmo. Não havia, e nem pode haver, separação entre a filosofia e a vida. Sua aprendizagem toca, atinge, impacta aquilo que somos, para romper em nós a crosta do senso comum e do bom senso, para que sejamos capazes de pensar, para que se abram os devires que mudarão as nossas vidas. James era um dos raros professores que vivia como pensava, e ensinava da mesma maneira como pensava e vivia. Nesse mesmo sentido, a propósito de Nietzsche, já nos dizia Deleuze:

O filósofo do futuro é ao mesmo tempo o explorador dos velhos mundos, cumes e cavernas, e só cria à força de se lembrar de qualquer coisa que foi essencialmente esquecida. Esta qualquer coisa, segundo Nietzsche, é a unidade do pensamento e da vida. Unidade complexa: um passo para a vida, um passo para o pensamento. Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida ativa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida.<sup>2</sup>

James viveu e ensinou intensamente essa unidade; era a sua busca que animava as aulas, que orientava sua prática pedagógica. A cada aula e a cada encontro o desafio por ele lançado, impiedosamente, era o mesmo (e ainda é): tornar-se digno da grandeza do pensamento e da filosofia, dobrar a vida no pensamento e desdobrar o pensamento na vida. “Um passo para a vida, um passo para o pensamento”, era como nos sentíamos em sua presença.

<sup>1</sup> JAMES, Arêas. “A aventura involuntária: sentidos e devires em Gilles Deleuze”, p. 13.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*, p. 17-18

A paixão que ele tinha pelos gregos não era fruto de uma simples escolha acadêmica, mas de sua cisão com a vida ordinária e com a *doxa*, que tanto abominava, assim como nos ensinava a abominar. Seu ensino rigoroso articulava duas exigências pedagógicas inseparáveis, a saber, a compreensão conceitual e a afetiva. Com sua voz forte, sua fala cadenciada e intensa, marcava, com precisão, os problemas e seus conceitos correspondentes. Por cima dos seus óculos nos olhava, para saber se os problemas haviam nos tomado e os conceitos nos atingido. Suas aulas produziam uma atmosfera insólita, perturbadora e iluminadora, simultaneamente. Ele mesmo não tinha total controle disso, uma vez que a impessoalidade se desprendia de sua fala e instaurava um meio de experimentação, tal como um convite estranhamente irrecusável. Eram estranhos os signos emitidos e justamente por isso nos sentíamos impelidos a pensar, forçados a estudar. Suas aulas aumentavam em nós a vontade e a potência de estudar filosofia. James escreveu o seguinte:

O que Nietzsche encontra entre os pré-platônicos não são traços esquecidos de uma origem nem tampouco os vestígios de um início, mas antes a exuberância de um meio, de uma densa atmosfera. Uma geografia, um meio de imanência, uma ambiência banhada pela vida.<sup>3</sup>

Quem assistiu suas aulas ainda se lembra dessa mesma atmosfera que ele fazia presente. Suas lições sobre os gregos nos retiravam das vulgaridades e da tristeza que, infelizmente, também fazem parte do meio acadêmico filosófico. Quando, no final dos anos 90, época em que éramos massacrados pelo kantismo e afins, James era a nossa saída. Quando a morbidez e os disparates supostamente filosóficos infestavam a nossa experiência universitária, James era a nossa linha de fuga. Com ele sentimos e vivemos os conceitos, antes mesmo de compreendê-los, tamanha era a força de sua unidade pedagógica com a vida. Dizia ele com toda a força: “a filosofia é vida”. O encontro com James era o encontro com um pensador: inquietante e decisivo. Como ele deixou escrito em um texto sobre Claudio Ulpiano, que fora seu mestre:

A aventura do pensamento é tão rara como raro é o encontro com um pensador, com essas singularidades que nos arrancam fora de nós mesmos contrapondo ao intolerável e à banalidade cotidiana de nossas vidas *um ato de resistência e uma experiência de criação*. Resistência contra todas as formas de tolice e criação contra a fantástica maquinaria de reprodução da besteira universal.<sup>4</sup>

Suas palavras são certas. A filosofia não é uma brincadeira, e os diletantes e eruditos oportunistas, mesmo que façam dela uma mercadoria, encontrarão uma impiedosa resistência. A tarefa do pensador é também a de expor a vergonha e a miséria de um tempo, as formas que aprisionam a vida. Expor os oportunistas, os carreiristas, as bestas. Expor os indignos da filosofia, aqueles fazem dessa indignidade uma profissão. Pode-se dizer do James filósofo o mesmo que Nietzsche disse:

<sup>3</sup> JAMES, Arêas. “Nietzsche e as singularidades pré-platônicas”, p. 99.

<sup>4</sup> JAMES, Arêas. “A aventura involuntária: sentidos e devires em Gilles Deleuze”, p. 16.

Ora, se tais pensadores são perigosos, então fica bem claro por que nossos pensadores acadêmicos são inofensivos; pois seus pensamentos crescem de modo tão pacífico na tradição como uma árvore jamais carregou suas maçãs: eles não assustam, não desengonçam; poder-se-ia dizer de todas as suas tentativas o que Diógenes objetou quando se elogiava um filósofo: “O que tem ele de grandioso a mostrar, pois há muito tempo ele faz filosofia e ainda não perturbou ninguém?” Sim, a inscrição tumular da filosofia universitária deveria constar: “ela nunca perturbou ninguém [...]”. Mas, se assim sucede em nosso tempo, então a dignidade da filosofia está reduzida a pó. Parece que ela própria tornou-se algo ridículo e indiferente, de modo que todos os seus verdadeiros amigos têm o dever de testemunhar contra esses equívocos, ou pelo menos mostrar que somente aqueles falsos servidores e representantes indignos das filosofias são ridículos ou indiferentes.<sup>5</sup>

Nietzsche tem razão ao ver e denunciar, já no seu tempo, essa tendência ridícula que reduz a dignidade da filosofia a pó. James foi um dos mais corajosos nessa tarefa difícil e perigosa. Isso o tornou um pensador temido, que em nada se confunde com um pensador acadêmico. Ele não suportava as tolices universitárias, as invejas e vaidades, as paixões despudoradas pelo poder. Não tolerava o apequenamento daquilo que importava ao pensamento. Ele está entre os últimos professores universitários que não negociaram a força da filosofia, que dignificaram o seu ensino. Sua cólera contra o presente e seu insólito humor expunham, com rigor, a intolerável “maquinaria de reprodução da besteira universal” e do universal. A respeito dele dizemos o mesmo que ele disse sobre a prática de Cláudio Ulpiano: “Assegurar ao pensamento a distância criadora que o liberta de toda racionalidade analítica e das éticas de resultados que difundem, respectivamente, a tolice do senso comum e a bobagem premeditada do bom senso”.<sup>6</sup> Tais seriam apenas dejetos risíveis do pensamento, se não fossem projetos de poder que se espalham pelos departamentos, pelos programas de pós-graduação, pelos órgãos de fomento, pelos governos. A filosofia, ou os que dela se servem, também produz os seus clichês, muito simpáticos ao capital. A filosofia, principalmente os que dela se ressentem, produz os seus coveiros, ávidos por enterrá-la. James fez do seu ensino uma máquina de guerra contra os clichês e os ressentimentos, contra as opiniões universais e os consensos. Ele colocava em prática aquilo que Deleuze afirma na abertura de *Conversações*:

É verdade que a filosofia é inseparável de uma cólera contra a época, mas também de uma serenidade que ela nos assegura. Contudo, a filosofia não é uma Potência. As religiões, os Estados, o capitalismo, a ciência, o direito, a opinião, a televisão são potências, mas não a filosofia. A filosofia pode ter grandes batalhas interiores (idealismo – realismo etc.), mas são batalhas risíveis. Não sendo uma potência, a filosofia não pode empreender uma batalha contra as potências; em

<sup>5</sup> NIETZSCHE, *Schopenhauer como educador*, pp. 116-117.

<sup>6</sup> JAMES, Arêas. Op. Cit., p. 22.

compensação, trava contra elas uma guerra sem batalha, uma guerra de guerrilha.<sup>7</sup>

As aulas eram guerrilhas. James expunha, de forma dura, a vergonha de pertencermos ao tempo presente, a insuportabilidade de nossas formas de vida. Como nos dizem Deleuze e Guattari:

A ignomínia das possibilidades de vida que nos são oferecidas aparecem de dentro. Não nos sentimos fora de nossa época, ao contrário, não cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos. Este sentimento de vergonha é um dos mais poderosos motivos da filosofia.<sup>8</sup>

A vergonha decorre da percepção do insuportável, da visão do intolerável, do conjunto de possibilidades atuais que nada mais são do que a impossibilidade das nossas vidas. Os possíveis atuais, que nos são dados como formas de vida possíveis, agradecemos por tê-las, pois elas seriam necessárias para que estejamos vivos. Até que algo acontece, algo que não se podia perceber é percebido, que aquelas formas de vida são clichês que não possibilitam a vida, mas a impossibilitam, uma vez que limitam o possível aos possíveis dados. Percebe-se, assim, a insuportabilidade de nossas vidas reduzidas a possíveis que a impossibilitam, pois o campo dos possíveis está fechado, o campo de experimentação da vida está cerrado em condições impostas. Nesse momento, a forma da percepção é rachada, já que só assim se pode ver fora das formas dadas da percepção, aquelas que nos fazem crer que a vida se reduz às formas de vida dadas. Eis a vidência, perturbadora e iluminadora. Desse fenômeno de vidência nasce a vergonha, o momento em que se vê “a ignomínia das possibilidades de vida”, da qual nos falam Deleuze e Guattari. James, como todo grande pensador, também era um vidente, mas como todo grande professor também nos fazia sentir e ver o intolerável. Era o seu modo de nos envolver: o problema se tornava nosso também. Não havia saída, senão pela filosofia. E assim tudo fazia sentido, uma vez que não se pensa sem necessidade, assim como não se cria sem ser impelido, coagido por um conjunto de impossibilidades insuportáveis. Sobre isso James disse o seguinte:

Resistência e criação definem, antes de tudo, o risco, tornado necessário, para que possamos realizar o percurso tortuoso, labiríntico, pelas sendas do pensamento. O efeito violento que sentimos ao nos chocarmos com um acontecimento, ou com um signo, que remete às zonas obscuras da experiência, [...].<sup>9</sup>

Os filósofos e os pensadores são também, portanto, videntes. Não porque anteveem o futuro, mas porque percebem, não sem violência, o intolerável. É assim que a vida se apresenta a eles, como um problema cujas condições das soluções não estão

---

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. (Texto de abertura da obra)

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?*, p. 140.

<sup>9</sup> ARÊAS, James. “A aventura involuntária: sentidos e devires em Gilles Deleuze”. pp. 16-17.

dadas de antemão. É nesse sentido que se diz que não há filosofia sem problema, que não há pensamento sem um problema bem colocado. É preciso o vidente para colocar o problema, para indicar e mapear o conjunto de impossibilidades no qual a vida está mergulhada. Colocar bem o problema é fundamental, pois como nos diz Deleuze:

A questão não é tanto convencer, mas ser claro. Ser claro é impor os “dados”, não só de uma situação, mas de um problema. Tornar visíveis coisas que não o seriam em outras condições. [...] Porque uma vez colocado o problema, ele não pode mais ser eliminado.<sup>10</sup>

Ninguém era mais claro que o James. O vidente que ele era nos fez ver o intolerável. Suas aulas eram críticas, mas também eram clínicas. Ele nos fez ver a beleza e a grandeza das artes, principalmente do cinema. Era admirável assistir um filme acompanhado de seus comentários. Sentíamos como se estivéssemos vendo aquele filme pela primeira vez. Sentíamos, na verdade, como se estivéssemos *viendo* pela primeira vez. Como professor foi também um verdadeiro pedagogo dos sentidos, ao nos fazer ver e sentir, muitas vezes pela primeira vez. A nossa percepção era abalada, suas formas eram quebradas, para que assim pudéssemos ser capazes de ver. Essa era a experiência que suas aulas proporcionavam. Até então, sentíamos que não éramos capazes de ver e de pensar. O mundo, desde então, se estendia e se intensificava, pois se abriam diante de nós os devires que nos eram proibidos pelo bom senso e pelo senso comum. Sobre o encontro com o pensamento, dizia James:

O encontro com o pensamento significa, portanto, o encontro com forças e relações de forças impetuosas, desconhecidas, insólitas e inesperadas, em virtude das quais não podemos jamais voltar a ser o que fomos.<sup>11</sup>

James promovia tais encontros, não apenas em suas aulas, mas também fora delas, como no saudoso Planeta do Chopp, onde suas aulas se prolongavam por muitas horas mais. Suas orientações mais importantes aconteciam no bar, pois além de cuidadosas e rigorosas eram sempre afetivas. Na sua presença sentíamos a grandeza da filosofia, a importância do pensamento. Mesmo quando fragilizado, sentíamos a intensidade da sua força inorgânica. Ele gostava muito de uma história, contada por Diógenes Latértios,<sup>12</sup> sobre Zenão de Eléia, filósofo pré-socrático discípulo de Parmênides. Diógenes relata que Zenão exercia intensa atividade política, o que era bastante comum entre os pré-socráticos. Certa vez, Zenão conspirou para a deposição do tirano Nêarcos, porém foi capturado.

Naquela ocasião, interrogado a respeito de seus cúmplices e do transporte de armas para Lipara, denunciou todos os amigos do tirano, no intuito de isolá-lo completamente. Depois disse ao tirano que desejava fazer-lhe uma confidência, ao pé do ouvido, sobre alguns

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*, p. 158

<sup>11</sup> ARÊAS, James, *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>12</sup> LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, p. 258.

cúmplices; mordeu-lhe então a orelha e não largou até cair ferido mortalmente.<sup>13</sup>

Há uma outra versão dessa mesma história:

Zenão, depois de ser interrogado sobre os seus cúmplices e de haver denunciado os amigos do tirano, foi perguntado por este se havia algum outro cúmplice e o filósofo respondeu: “Tu, maldição da cidade!”, e aos outros que estavam ali disse: “Admira-me vossa covardia, pois por receio de que vos possa advir algum sofrimento que me atingiu, continuais a servir o tirano”. E finalmente Zenão cortou a própria língua com os dentes e a cuspiu no rosto do tirano. Então os cidadãos rebelaram-se subitamente e apedrejaram o tirano.<sup>14</sup>

O que James queria ensinar com essa história? Ele nos lembrava da seguinte pergunta: do que é feito um pensador? A filosofia é inseparável da coragem de levá-la ao mais longe possível, exige ela um caráter forte o bastante para assumir o perigo que é o seu exercício. Se já não somos mais capazes disso, lembrar dessa história serve justamente para que sejamos expostos à vergonha da nossa indignidade e covardia. James era impiedoso, mas extremamente generoso, amigo e leal nesse risco que corríamos juntos. Que nossos conceitos sejam uma vez mais de carne e de sangue, que o pensamento se torne uma força da vida, de uma vida que se afirma. A nossa gratidão e saudade já fazem parte daquilo que estamos em vias de se tornar. O James é um devir: *kléos áphthiton*.

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Ibidem.

## Referências bibliográficas

- ARÊAS, James. “A aventura involuntária: sentidos e devires em Gilles Deleuze”. In. BRUNO, Mário; CHRIST, Isabella e QUEIROZ, André (orgs.). *Pensar de outra maneira: a partir de Cláudio Ulpiano*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007.
- ARÊAS, James. “Nietzsche e as singularidades pré-platônicas”, In. FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (orgs.). *Nietzsche e os gregos: Arte, memória e educação: Assim falou Nietzsche V*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

---

Recebido / Received: 25/05/2024  
Aprovado / Approved: 25/04/2025